

# FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA: O PROJETO FENOMENOLÓGICO ✓

190

Jorge Graciliano Tostes PEREIRA<sup>1</sup>  
Regina Lúcia Praxedes de MEIRELLES<sup>2</sup>

---

✓ Artigo recebido em 31/08/2018 e aprovado em 12/05/2019.

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2019). E-mail: <jorge-sd@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora do curso de Filosofia bacharelado e licenciatura no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <rluciameirelles@gmail.com>.

## FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA:

## HUSSERLIAN PHENOMENOLOGY:

## O PROJETO FENOMENOLÓGICO

## THE PHENOMENOLOGICAL PROJECT

## RESUMO

## ABSTRACT

O presente artigo tem por objetivo principal discorrer sobre uma possível interpretação de definição do projeto fenomenológico do último pensamento de Edmund Husserl: a especificidade da estrutura transcendental da consciência intencional como a temporalidade e a intencionalidade. A descrição teleológica de Husserl orienta o humano para o seu mais alto nível de reflexividade à luz da razão universal. Para tal, a metodologia utilizada é de cunho qualitativo bibliográfico, tendo por base a obra **A crise da humanidade européia e a filosofia** (2006). Isso posto, tomou-se como relevante apontar com clareza os desdobramentos do seu pensamento, como a fenomenologia transcendental estática, a fenomenologia transcendental genética e a fenomenologia transcendental da historicidade; salientar a importância da *epoché* para o desenvolvimento de sua filosofia em que o indivíduo e o mundo são os objetos de sua investigação; apresentar e definir os principais conceitos do projeto fenomenológico, como a *epoché*, a intencionalidade, a intersubjetividade, a linguagem e o *lebenswelt*. Por fim, diante de toda a reflexão exposta neste artigo, foi possível considerar uma interpretação que responde à problemática delineada: o projeto fenomenológico é, então, definido como um movimento de abertura ao conhecimento, cujo fim reside na infinitude reflexiva de ideias e de tarefas de normatização da própria vida.

The present article has the main objective to present an interpretation of the phenomenological project of the last Edmund Husserl (1859-1938). In it, the philosopher describes the specificity of the transcendental structure of intentional consciousness as temporality and intentionality. That said, his teleological description guides the human to his high level of reflexivity in the light of universal reason. For this, the methodology used is qualitative bibliographical, based on the work *The crisis of European humanity and philosophy* (2006). Thus, it was taken as a relevant point to clearly indicate the unfolding of his thought, such as transcendental static phenomenology, transcendental genetic phenomenology and transcendental phenomenology of historicity; to emphasize the importance of *epoché* for the development of its philosophy in which individual and world are the objects of its investigation; to present and define the main concepts of phenomenological design, such as *epoché*, intentionality, intersubjectivity, language and *lebenswelt*. Finally, in view of all there flexion presented in this article, it was possible to consider an interpretation that responds to the problematic delineated: the phenomenological project is then defined as a movement of openness to knowledge, whose end lies in the reflexive infinity of ideas and tasks of normalization of life itself.

Palavras-chave: Consciência. *Epoché*. Intencionalidade. *Lebenswelt*. Razão.

Keywords: Consciousness. *Epoché*. Intentionality. *Lebenswelt*. Reason.

## 1 INTRODUÇÃO

A fenomenologia foi um dos movimentos filosóficos mais frutíferos do século XX, por sua grande contribuição para as ciências humanas e para a própria epistemologia ressignificando-as. Entre os fenomenólogos, destaca-se Edmund Husserl, considerado o pai da fenomenologia por sua vasta reflexão e originalidade

quanto ao tema. O seu contexto histórico é marcado por um psicologismo fiscalista, que tomava por base um objetivismo naturalista no que se refere à uma teoria do conhecimento – o que o levou a uma reflexão a princípio mais psicologista do que fenomenológica.

Somente com seu encontro com Franz Brentano, que buscava uma psicologia com base na experiência e salientou que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, Husserl começa a conceber o projeto fenomenológico. Assim, o conceito de intencionalidade torna-se a base para toda a reflexão husserliana e a chave para a compreensão de todas as fases do seu pensamento.

O termo fenomenologia no pensamento de Husserl sofre mudanças no decorrer de suas reflexões. Portanto, é necessário e aqui se toma como objetivo uma compreensão das fases e dos principais conceitos que se desenvolveram no seu pensamento, tendo em vista responder a problemática que pode ser assim delineada: como compreender o projeto fenomenológico no último pensamento de Edmund Husserl?

A presente pesquisa tem por objetivo principal responder à problemática proposta; como objetivos não menos importantes, também é proposto salientar a definição e importância da *epoché* no projeto fenomenológico; explicitar as respectivas fases do seu pensamento e definir os principais conceitos de sua filosofia.

Tomando a problemática proposta nesta pesquisa, uma possível hipótese é que o projeto fenomenológico de Edmund Husserl não tenha um delineamento específico pelo fato do seu objeto de pesquisa ser o humano e o mundo. E estes estão abertos a um horizonte de ideias e tarefas infinitas da razão. Nesse sentido, a fenomenologia não tem uma definição absoluta, mas é um movimento de abertura ao conhecimento em todos os aspectos possíveis.

Para tal reflexão, a metodologia que se fez presente nesta pesquisa é de cunho qualitativo bibliográfico, permitindo a elaboração de um texto narrativo-etnográfico que explicita as fases do pensamento husserliano, os principais conceitos de suas reflexões e uma possível interpretação considerada no que se refere à problemática proposta. Isso posto, se fez presente como obra central **A crise da humanidade europeia e a filosofia** (2006). A obra **História da filosofia**

(2011) de Pradeau, especificamente no texto de Rudolf Bernet que trata dos desdobramentos das reflexões husserlianas em uma perspectiva histórico-filosófica o que possibilitou uma contextualização do autor.

Para a definição dos principais conceitos do projeto fenomenológico, utilizou-se por base teórica a obra do próprio Husserl **Investigações lógicas** (2005); o seu posterior Merleau-Ponty com a obra **Fenomenologia da percepção** (2015); comentadores como Cerbone, na obra **Fenomenologia**; e Salanskis, na obra **Husserl** (2006).

Assim, esta pesquisa apresenta a seguinte configuração: na seção primeira é feito uma introdução à temática e, na sequência, ainda na introdução, é apresentada a problemática levantada nesta pesquisa, seguida da hipótese, dos objetivos, do referencial teórico e da justificativa; na seção segunda é explicitada uma contextualização histórica de Husserl, posteriormente os desdobramentos do projeto fenomenológico no decorrer das suas reflexões e, finalizando essa seção, a definição dos principais conceitos do seu pensamento; e, por fim, na seção terceira, são apresentadas as considerações finais que se fizeram pertinentes como uma possível interpretação, tendo por referência a temática, a problemática e os objetivos propostos.

Vale ainda ressaltar que a fenomenologia vem sendo aplicada em diversas áreas do saber no século XXI, como no **Direito**, na **Educação**, na **Estética**, entre outras. Alguns filósofos atuais, como Salanskis (2006), acreditam que está havendo um retorno à teoria fenomenológica, em vista de sua vasta contribuição para o conhecimento em diversas vertentes. Nesse sentido, a presente pesquisa se torna pertinente por propor uma possível interpretação da temática que se mostra atual e que se faz presente nesta pesquisa, tendo em vista enriquecê-la.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PENSAMENTO HUSSERLIANO

Esta seção, em seu início, propõe-se a uma contextualização histórica de Husserl, para, em seguida, abordar as principais inspirações filosóficas que possibilitaram o desenvolvimento de sua Filosofia e as transformações que ocorreram no seu pensamento ao longo de sua vida. Serão tratados, ainda, os

principais conceitos de sua Filosofia como forma de possibilitar uma compreensão para o seu último pensamento, que é o foco principal: a historicidade da razão ocidental.

Edmund Husserl é um filósofo alemão que vivenciou as transformações sociais ocorridas no período entre o final de século XIX para o século XX. Nasceu em Prossnitz, na Morávia, em 8 de abril de 1859 e morreu em 1938. Suas primeiras formações acadêmicas foram em Matemática, Astronomia e Física. Doutorou-se em Matemática com a tese do cálculo das variações. Logo depois, dedicou-se à Filosofia, tornando-se aluno de Franz Brentano (1838-1917) e Carl Stumpf (1848-1936). Ao longo de seus estudos em Filosofia, Husserl empenhou-se a estudar os trabalhos dos empiristas ingleses, como John Locke (1632-1704), George Berkeley (1685-1735) e David Hume (1711-1776) e, em seguida, Immanuel Kant (1724-1804), Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), René Descartes (1596-1650) e Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). Os contemporâneos que inspiraram seu pensamento foram Franz Brentano (1838-1917), os neokantianos<sup>3</sup>, Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Gottlob Frege (1848-1925) (BERNET, 2011).

O pensamento husserliano tem como pressupostos sua formação nas ciências da natureza (Matemática, Astronomia e Física) e seu contexto histórico, período marcado por avanços na Psicologia, na ressignificação da Lógica e da própria Epistemologia; além da sistematização da Filosofia, dando origem à Filosofia analítica ou da linguagem. Nesse contexto, suas primeiras reflexões seguiram uma perspectiva mais psicologista do que fenomenológica, ao tratar da aritmética e da lógica na tese sobre o conceito de número em Halle (1887). Porém, posteriormente, em uma posição oposta ao psicologismo que diz que a lógica matemática pode ser explicada pela própria Psicologia, reduzindo o homem a processos físico-químicos, ele propõe uma visão em que tal área de conhecimento independe das coisas e do próprio homem para existir. Em outras palavras, a Lógica tem caráter *a priori* e não *a posteriori* ao homem e às coisas (mundo concreto), o que evidencia um compartilhamento com a visão platônica. Surge, então, o projeto fenomenológico que descreve a consciência intencional e seus objetos fenomênicos, como nos afirma Rudolf Bernet (2011):

<sup>3</sup> Paul Natorp (1854-1924) e Heinrich Rickert (1863-1936) (BERNET, 2011).

[...] o que se manifesta nesses fenômenos da consciência intencional permanecerá uma objetividade, quer ele seja um objeto lógico ou um objeto da percepção sensível, quer ele seja um objeto temporal ou um objeto ideal. De todos esses objetos, o fenomenólogo só irá se deter naquilo que aparece quando eles são visados intencionalmente pela consciência. Sucintamente definida, a fenomenologia de Husserl se apresenta assim como uma ciência da correlação intencional entre diversos tipos de atos da consciência e diferentes modos de objetos intencionais (BERNET, 2011, p. 413).

Nessa virada transcendental, Husserl se opõe a todo e qualquer tipo de psicologismo e naturalismo, lançando mão da *epoché* ou atitude transcendental, que se torna o método para se chegar às coisas mesmas, ou seja, às essências. Nesse sentido, o ponto chave que distingue a fenomenologia do psicologismo é que essa se ocupará com o fenômeno que se dá à consciência de forma intencional; em outras palavras, com aquilo que se dá ou se mostra à consciência intencional intuitivamente.

Husserl vivenciou a primeira grande guerra mundial, devastadora em todos os sentidos. Ele sentiu na própria pele as sanções políticas e econômicas como consequências do pós-guerra, mas principalmente por perder seu filho e um de seus alunos em combate. Assim, começa a surgir um pensamento voltado para o aspecto ético e social, inspiração para uma conferência em 1925, e que se transformou em um artigo para a revista japonesa *Kaizo*, em que trata a ideia de crise. Dez anos depois, na Alemanha, em um cenário de forte tensão, com o partido nazista começando a ganhar forças e assumir o estado, Husserl trabalha em uma conferência a renovação frente à ideia de crise exposta anos atrás. Essas duas conferências são a base de uma obra importante e contundente, **A crise da humanidade europeia e a filosofia** (2006), referência principal desta pesquisa (HUSSERL, 2006).

Husserl, ao longo da vida, deixou mais de quarenta mil páginas estenografadas, nos legando uma riqueza gigantesca com suas reflexões. A obra principal desta pesquisa traz o centro de todo o seu pensamento, em sua mais vasta riqueza de conceitos vitais ao projeto fenomenológico do último Husserl. Trata-se de uma reflexão teleológica (historicidade) da razão. Em outras palavras, de uma reflexão fenomenológica da consciência intencional ao longo da história, desde os

gregos na antiguidade (século VII a.C.) até a Europa do século XX. Nela encontramos uma análise minuciosa de todo o pensamento ocidental, o que possibilitou sua denúncia da crise da significação do conhecimento e a renovação do seu significado que tem por objetivo colocar a humanidade no caminho da razão universal (BERNET, 2011).

## 2.1 A FENOMENOLOGIA SEGUNDO EDMUND HUSSERL

196

O projeto fenomenológico proposto pelo filósofo não tinha a intenção de ser visto enquanto um sistema fechado, de cunho pronto e acabado, porque este entendia que seu objeto, o homem, na multiplicidade existencial da vida, é constituído e constitui o mundo ao mesmo tempo; sendo, portanto, um ser em permanente construção.

O termo fenomenologia surge a partir da modernidade (séc. XVII), e foi utilizado por pensadores como Kant, Hegel, Husserl, Heidegger e muitos outros. Então, faz-se necessário especificar o seu sentido afim de que a linha de raciocínio se faça presente. O sentido do termo fenomenologia abordado nesta pesquisa é o empregado por Husserl, que a entende como estudo das possibilidades de um fenômeno se dar e poder ser conhecido intencionalmente. Porém, não com finalidade valorativa ou de análise, mas descritiva. Em outras palavras, a fenomenologia é a ciência universal que tem por objeto o próprio homem e o mundo, e busca descrevê-los em todos os seus aspectos possíveis. A fenomenologia não é uma ciência de verdades absolutas, mas das possibilidades de que um fenômeno se dê e de ser significado pela consciência intencional. Ou seja, é uma ciência da condição de possibilidade dos significados, incluindo as ciências naturais (SALANSKIS, 2006).

O seu método é a descrição fenomênica da consciência intencional. É justamente por seu método e seu objeto que a fenomenologia se distingue de toda e qualquer ciência. Isto é, o seu caráter é absoluto, não no sentido de um sistema fechado, mas por ser seu objeto a fonte de tudo aquilo que é para o sujeito, o mundo. Portanto, eu sou absoluto, porque nada passa de largo a esse fenômeno psicofísico chamado consciência e, por sua vez, ao mundo físico que é

transcendente em relação a mim, e está sempre presente na minha existência (MERLEAU-PONTY, 2015). A fins de metodologia de análise, os estudiosos da obra husserliana dividem seu projeto fenomenológico em três fases, a saber: fenomenologia transcendental estática, fenomenologia transcendental genética e a fenomenologia transcendental histórica (historicidade) (BERNET, 2011).

Anterior à fenomenologia transcendental estática, o pensamento de Husserl estava mais próximo de um psicologismo, em que, na sua obra **Filosofia da Aritmética** (1891), tenta dar uma explicação do conceito de número através de uma "gênese psicológica nos atos de percepção seletiva e de coleção unificante" (BERNET, 2011, p. 415). A fenomenologia transcendental corresponde a do primeiro pensamento de Husserl, que, por sua formação Matemática, acreditava em uma essência para cada coisa que existe ou que significamos como existentes. Desse modo, os objetos lógicos independem de qualquer conhecimento ou pensamento humano para existir. Assim como a lógica precede à matemática e o próprio número entendido como um código, há essências que precedem tudo aquilo que conhecemos e que pode ser conhecido. Só assim é possível falar de conhecimento (BERNET, 2011). Por isso cabe a pergunta: como podemos conhecer a essência das coisas?

Surge, então, o conceito de *epoché*, entendido enquanto o método para se conhecer as coisas mesmas ou essências, e este se divide em duas etapas: a **redução eidética** e a **redução fenomenológica**. A primeira diz respeito à forma essencial da consciência – a sua constituição. A segunda permite se chegar ao objeto fenomenal da consciência – à essência do fenômeno, seja ele um objeto da percepção, da ideação ou imaginação. É importante enfatizar que a redução não é uma desvalorização ou negação do mundo tal como ele é, mas uma suspensão na maneira natural como o concebemos, para, assim, se chegar a uma concepção transcendental de mundo. A fenomenologia parte do método da *epoché* para justificar ou validar a própria ciência, o mundo e as coisas pela especificidade da imanência da consciência intencional (SALANSKIS, 2006).

O projeto fenomenológico pensado por Husserl parte da percepção dos fenômenos enquanto constituinte da racionalidade humana. Ao propor um método de redução fenomenológica, o autor se depara com três questões que carecem de

ser desenvolvidas: a essência *a priori* da consciência, a subjetividade e a historicidade.

Para responder à primeira, ele traz o conceito de fenomenologia transcendental estática que deve ser entendida como a capacidade de descrever a constituição da consciência intencional e seus objetos intencionais. Com essa atitude transcendental, Husserl defende que há uma essência dos fenômenos e de seus significados, ou seja, a realidade dos fenômenos puros (*noemas*), seus significados (*noesis*) e seus objetos (*noemático*) sobre a base da doação intuitiva. Sendo a própria consciência intencional constituinte um fenômeno, tornou-se, então, possível uma concepção da finitude do sujeito, de novas formas intencionais da consciência (lembrança, imaginação, empatia) e de sua estrutura temporal (retenção, presentificação e protensão). Ao reconhecer que a essência da consciência é temporal, o filósofo percebe a necessidade de dar voz a esse termo, consciência, propondo o conceito de fenomenologia transcendental genética.

Em relação à questão da subjetividade ou identidade, é trazida à luz a fenomenologia transcendental genética que como nos afirma Rudolf Bernet (2011):

[...] se ocupa da gênese dos atos de consciência transcendental e de seus objetos intencionais e que, assim, ela se debruça sobre formas de experiência que precedem e tornam possíveis as correlações intencionais" (BERNET, 2011, p. 418).

Dessa forma, o conceito de gênese nos remete a algo pré-dado à consciência intencional, seja ele um ato intencional ou o correlato intencional das coisas e do mundo. Logo, antes de qualquer atividade ou posição do sujeito, há algo pré-dado à consciência que nos constitui e ao mundo por meio de sínteses passivas e ativas, o que nos conduz a uma orientação para essa unidade gerativa.

Por conseguinte, a partir do conceito de fenomenologia transcendental genética, Husserl aponta para um novo leque de fenômenos, como a subjetividade desperta (atitude transcendental), fixação de aquisições subjetivas, entre outros. O filósofo define a subjetividade como sendo algo muito além de uma identidade pessoal como pensava Kant (1724-1804). Para ele, essa deve ser entendida como intersubjetividade, ou seja, o sujeito transcendental cuja essência é a temporalidade (passado, futuro, efetivo e possíveis) constitui-se como uma vivência transcendental.

Porém, essa relação associativa não se limita às experiências e expressões do sujeito, mas abrange também os objetos intencionais que nunca se dão de forma isolada, pressupondo um horizonte intencional do qual faz parte, em outras palavras, uma pré-doação de mundo.

Porém, a questão de fundo, aquela que serviria de sustentação para sua proposta filosófica, a temporalidade, daí percebida e explicitada pelo conceito de Filosofia Transcendental Histórica, consiste em uma descrição teleológico-filosófica da História da Filosofia e do Conhecimento. Essa temporalidade da consciência é a condição de possibilidade do próprio conhecimento e de um sentido histórico da própria História da Filosofia; é, portanto, uma abertura para o conhecimento, de forma que se torna possível voltar ao passado e, ao mesmo tempo, projetar o futuro nesse fluxo chamado consciência. É justamente essa abertura que leva Husserl a refletir sobre a consciência histórica transcendental ou sobre a historicidade do pensamento ocidental. Torna-se possível, assim, uma descrição precisa dos significados do que era, até então, considerado por razão, educação e conhecimento, desde a visão dos gregos antigos até a que se tem no tempo atual. Diante disso, esses significados se renovam por gerações no fluxo contínuo da temporalidade, e é nesse movimento de ressignificação que o autor acredita estar a raiz do problema da crise (BERNET, 2011).

Para haver esse retorno às coisas mesmas, antes é necessário um caminho que seja apodítico, um método que nos dê as respostas transcendentais: o caminho do pensamento reflexivo como um desvelar fenomenológico. Husserl, então, propõe uma não aceitação da concepção natural que temos do mundo, mas não a negando, e sim a recusando como uma explicação última e definitiva do fenômeno. As ciências entendidas somente pelas vias naturais não são capazes de dar respostas de como é possível o conhecimento, necessitando elas mesmas de uma explicação de condição de possibilidade, de um pressuposto pronto e ordenado.

As representações das ciências segundo as quais o sujeito é uma parte do mundo são ingênuas, porque não consideram a subjetividade constituinte, quem coloca o mundo diante do humano e o faz existir para ele. Retornar às coisas mesmas é ir ao encontro desse mundo que pode ser percebido antes do

conhecimento que a ciência fala, sendo ela própria abstrata, significativa e dependente (MERLEAU-PONTY, 2015).

Ora, porém, pode-se perguntar: que mundo é este que é condição de possibilidade para o conhecimento, incluindo até mesmo o científico natural? Logo, de pronto na perspectiva husserliana, pode-se dizer que é um mundo de significados, o mundo da imanência de todo o conhecimento, chamado consciência transcendental.

Ademais, a redução fenomenológica é um retorno à consciência transcendental que faz o mundo se mostrar enquanto significação, permitindo ao humano reconhecer que o mundo e as coisas são significações, interpretações de fenômenos que se dão à consciência. Portanto, o mundo se mostra em uma operação de significação, a *Sinn-Gebung*, uma significação fenomênica. Segundo Merleau-ponty (2015), o mundo é aquilo que o humano significa para ele, mas enquanto consciência de mundo.

Há, então, a virada transcendental no pensamento husserliano que o possibilitou chegar às essências imanentes, ou seja, às estruturas da consciência como os atos e correlatos intencionais e à própria maneira essencial da consciência de ser sempre consciência de alguma coisa, isto é, a estrutura intencional que é a consciência. Torna-se, então, possível uma teoria do conhecimento que, partindo da imanência, explique como este é possível, tanto da própria imanência quanto da transcendência.

Para se realizar a passagem de uma ideia para a concretude, Husserl lança mão da *epoché* ou redução fenomenológica, cujo objetivo é chegar às essências dos fenômenos. Para tal, faz-se necessário colocar a atitude natural entre parênteses, suspender os pressupostos. Contudo, isso não significa uma invalidade ou negação do mundo percebido naturalmente, mas uma concepção de mundo enquanto significação. É um desvelar do fenômeno enquanto experiência vivida. Há, nesse processo, segundo Husserl, dois momentos: o primeiro é uma redução eidética que busca as essências ou significados dos fenômenos (coisas); o segundo é uma redução transcendental que busca as essências da consciência como constituidora de essências ideais (CHAUÍ, 2005).

Assim, conforme Chauí (2005), há duas faces da *epoché*: a que busca as essências fenomenais e a que busca as essências transcendentais. Porém, o segundo modo terá uma atenção maior, se assim se pode dizer, por ser a via capaz de responder a perguntas de possibilidades, ou seja, transcendentais.

Para responder às questões do tipo transcendental de **como é possível**, não se deve confundir estrutura essencial com estrutura causal da experiência. Para se chegar à sua essência, ou seja, da experiência, devemos suspender todos os pressupostos de causalidade da experiência consciente, e atentar para a própria experiência enquanto significado, e nada além da própria experiência (CERBONE, 2014). Ao aplicar a *epoché*, Husserl se preocupa apenas com a experiência enquanto experiência, enquanto significações sucessivas de temporalidade ou de consciência temporal. É esse fluxo de significações ou fluxo dos vividos que possibilita a especificidade humana chamada consciência. "A sucessividade pareceria, portanto, ser um aspecto essencial de nossa experiência a fim de termos esse tipo particular de experiência" (CERBONE, 2014, p. 44).

Chega-se, então, à consciência transcendental – estrutura essencial que é condição de possibilidade de constituição de conhecimento. Nesse sentido, a atividade imanente é intenção de consciência (SALANSKIS, 2006).

## 2.2 A INTENCIONALIDADE

O conceito de intencionalidade é fundamental na Filosofia husserliana, pois é a condição de possibilidade de constituição de sentido dos fenômenos vivenciados pela consciência; portanto, de todo o conhecimento. O pensador herdou esse conceito de Franz Brentano, que afirma ser esta a marca do mental, a consciência é sempre consciência de, ou seja, consciência é sinônimo de intencionalidade. Em outras palavras, a essência do mental é intencionalidade em toda e qualquer experiência consciente, na medida em que toda experiência apresente intencionalidade (CERBONE, 2014). Porém, intencionalidade não é um simples visar; é, antes, um engajamento, é em si uma *enteléquia*, um princípio ativo ao conhecimento. Para Salanskis (2006) intencionalidade ou ato de visada significa intenção de consciência, logo, a imanência é intencionalidade. Esse princípio é

transcendental e transcendente. Transcendental enquanto se constitui e é constituído por uma estrutura intersubjetiva temporal, e transcendente, enquanto um fim último ou finalidade última da razão universal, que de forma lógica é *a priori*.

Ora, se intencionalidade é consciência, então é relevante conhecer melhor essa estrutura. Como é, em essência, este fenômeno psicofísico chamado consciência, do qual nada passa de largo? A consciência é o fluxo dos vividos psíquicos. Eles se integram por uma especificidade intencional que se mostra em todas as regiões ou aspectos dessa estrutura. Tal fenômeno é também compreendido como fluxo dos vividos psíquicos que se tecem no movimento da vida, são vividos atados uns aos outros em unidade com o fluxo dos vividos. Contudo, esse fluxo não é pessoal, mas, pelo contrário, é impessoal e coletivo, e precede o meu eu enquanto vivido psíquico (SALANSKIS, 2006).

Mas se pode perguntar como chegar ou como ter acesso a esse fluxo dos vividos? O modo pelo qual se tem acesso ao fluxo é pela própria redução transcendental, ou seja, pela reflexão fenomenal dos vividos, um desvelar da estrutura que é condição de possibilidade do conhecimento. A reflexão é o meio ou modo primordial de acesso ao fluxo, "este ter em vista no depois do viver de nossa consciência, da qual temos a faculdade" (SALANSKIS, 2006, p. 22). Entretanto, só se tem acesso a partes do fluxo e não ao seu todo, visto que são limitados pela temporalidade e pelo horizonte existencial. Além disso, Husserl afirma ser em essência a reflexão o meio de acesso ao fluxo, porém, não a totalidade do fluxo, mas a partes dele. Por essa razão, é viável definir esse fluxo dos vividos como uma consciência transcendental, que é, em essência, temporalidade, isto posto, o fluxo é temporalidade (SALANSKIS, 2006).

Então, como conceber a consciência como intencionalidade e temporalidade? Ora, se a consciência, como já visto, é sempre consciência de algo que se situa no passado, presente ou futuro, é correto pressupor sua essência temporal que é o fluxo, e sua imanência intencional – ato de visar e de significar. Como afirma Salanskis (2006), "a intencionalidade designa a propriedade que a consciência tem de produzir acontecimento" (SALANSKIS, 2006, p. 59). Nesse sentido, se torna claro o porquê de definir intencionalidade como função de ação. "Husserl batiza com o nome geral de intencionalidade a função de visada da qual nossa imanência, da qual

o fluxo dos vividos, tem a faculdade e sobre a qual repousa, portanto, sua análise da temporalidade" (SALANSKIS, 2006, p. 40).

Husserl, distingue entre dois tipos ou modos de intencionalidade, que são: intencionalidade de ato e intencionalidade operante. O primeiro é uma intencionalidade de nossos vividos psíquicos, uma intencionalidade subjetiva; o segundo é uma intencionalidade do fluxo dos vividos, uma intencionalidade de uma consciência transcendental que precede a primeira. Como salienta Merleau-Ponty (2015):

[...] Husserl distingue entre intencionalidade de ato, que é aquela de nossos juízos e de nossas tomadas de posição voluntárias, a única da qual a *Crítica da Razão Pura* falou, e a intencionalidade operante (*fungierendelIntentionalität*), aquela que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente do que no conhecimento objetivo, e fornecem o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser a tradução em linguagem exata. A relação ao mundo, tal como infatigavelmente se pronuncia em nós, não é nada que possa ser tornado mais claro por uma análise: a filosofia só pode recolocá-la sob nosso olhar, oferecê-la à nossa constatação (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 16).

É nesse sentido que é legítimo falar de uma intencionalidade da razão ou razão do pensamento ocidental, à medida em que se recoloca o olhar sobre essa estrutura transcendental intencional. Então, se pode falar sobre uma gênese que perpassa os vividos subjetivos pessoais, o fluxo dos vividos enquanto uma consciência transcendental e o próprio mundo enquanto horizonte de abertura ao conhecimento. É mediante a ampla noção de intencionalidade em Husserl que a fenomenologia passa da estática para a genética (MERLEAU-PONTY, 2015).

Portanto, torna-se possível descrever as regiões transcendentais da consciência enquanto constituidora de essências ideais e as regiões fenomenais enquanto significados intencionais. A intencionalidade é que possibilita a descrição das regiões do ser, ou seja, a descrição das formas de visar da consciência, possibilita falar das regiões do ser enquanto formas intencionais de consciência, como percepção, imaginação, pensamento, memória, entre outros (CHAUÍ, 2005).

Com a amplitude da reflexão husserliana sobre a intencionalidade, o pensador traz uma nova concepção sobre o conhecimento: o conhecimento é

intencionalidade. Porém, a intencionalidade é algo vivido, já dado, e não um pólo de identidade como em Kant (MERLEAU-PONTY, 2015). O vivido intencional, ou a existência intencional é uma ex-existência, ou seja, um existir para fora e não uma in-existência como pensava Franz Brentano (CERBONE, 2014). Ora, e se o existir intencional é um existir para fora, então, logo de pronto, a subjetividade é intersubjetividade intencional.

A intersubjetividade é possível pela intencionalidade, na qual repousa o fluxo dos vividos e a entelégua da consciência. Estão em unidade por constituição, em um horizonte de possibilidades. Por conseguinte, a consciência psíquica constitui-se pela consciência transcendental, assim como uma outra consciência também o faz. É por esse fato, que não há uma consciência fechada em si mesma, ou um solipsismo, mas uma unidade com o fluxo dos vividos que torna possível a objetivação do pensamento em linguagem exata. A subjetividade é intersubjetividade por constituir e ser constituída pelo fluxo dos vividos, e não ser meramente um vivido psíquico. Nesse sentido, o *cogito* me revela que a subjetividade transcendental é intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2015).

A linguagem para Husserl está na base da consciência, por ser ela o meio ou veículo de expressão do pensamento, possibilitando uma fixação objetiva da consciência. O termo linguagem está aqui abordado no seu sentido amplo enquanto expressões humanas, e não restrito à Linguística ou a um conjunto de códigos. A linguagem, no sentido amplo do termo, expressa as regiões intencionais da consciência, possibilitando uma comunicação intersubjetiva em diversos aspectos do seu visar, sendo eles objetivos e ou subjetivos.

A linguagem é o meio de expressão da experiência enquanto um fluxo de vividos que constituem ou designam significados. Em outras palavras, é a expressão de algo que é significado pelo centro originário, a consciência. Esses significados são adaptados intencionalmente pelo fluxo dos vividos. É através da linguagem que o humano descreve e fixa conhecimentos (MERLEAU-PONTY, 2015). É por essa reflexão que Husserl chega a um termo ou um lugar que compreende o horizonte fenomenológico como um todo, que integra todos os aspectos possíveis do ser como temporal, simbólico, hermenêutico e intencional em uma ex-existência: o *lebenswelt*.

O termo *lebenswelt*, que significa mundo da vida, desenvolveu-se na Filosofia de Husserl a partir de 1920 e está associado ao seu último pensamento, em que se torna base do projeto fenomenológico transcendental da historicidade. O autor distingue dois modos, intrínsecos entre si, de se conceber o mundo da vida. O primeiro refere-se ao modo natural de conceber o mundo, um modo não temático, apenas pela percepção superficial que os sentidos, em relação com o mundo transcendente (concreto), nos fornecem. O segundo é o modo de conceber o mundo após o método da *epoché*. Nesse sentido, o mundo da vida amplia-se por abarcar o mundo e o humano em todos os seus aspectos possíveis.

Isso posto, o *lebenswelt* significa ou se equivale a: mundo circundante, mundo cotidiano, mundo da experiência e mundo natural ou concepção natural de mundo. Diante disso, o mundo da vida se mostra como absoluto, por ser condição de possibilidade de todo conhecimento possível. Em outras palavras, o mundo da vida é a fonte de todas as expressões humanas, no sentido lato do termo. Como nos afirma Nythamar de Oliveira (2008):

Ao sairmos de uma ontologia do mundo da vida, estaríamos assim abandonando o mundo ôntico na atitude natural em direção a uma análise transcendental do mundo da vida como horizonte e fundamento, ou seja, examinando não mais o que o mundo da vida é, mas como, enquanto mundo da vida, ele está desde sempre em jogo (OLIVEIRA, 2008, p. 242).

Então, o mundo da vida não significa apenas a percepção natural do mundo que se faz sempre presente em todas as percepções do sujeito, mas o modo pelo qual se concebe o mundo em todas as afetividades e aspectos possíveis – é o modo essencial humano de conceber o mundo, considerando o humano como um ser psicofísico existencial. Em consonância com tal perspectiva, Merleau-Ponty salienta que o mundo da vida é um lugar pré-objetivo, mundo transcendental que precede e é condição de possibilidade de todas as expressões humanas como a arte, a religião, a ciência, a política, a cultura, entre outras (MERLEAU-PONTY, 2015).

Este pensamento foi um marco, por fazer a fenomenologia dar a sua contribuição vasta e rica para as ciências do espírito e para a própria epistemologia. É sobre o *lebenswelt*, que Husserl constrói toda a sua reflexão sobre o humano, o mundo e o sentido do próprio pensamento filosófico ocidental em uma historicidade

da razão. Emerge, assim, a última reflexão do pensamento husserliano: a teleologia do pensamento ocidental.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a problemática e os objetivos propostos nesta pesquisa, conseguimos esboçar de forma precisa o projeto fenomenológico husserliano. Porém, esta se mostra como uma das possíveis interpretações da temática, e não é pretendido aqui esgotá-la.

Assim, a interpretação que aqui apresento e considero é que vários fatores contribuíram para as viradas do pensamento de Husserl. Os históricos e pessoais são certamente relevantes. Entretanto, o seu fio condutor foi sua postura, ou melhor dizendo, sua atitude crítico-reflexiva. Como vislumbramos nesta pesquisa, o despertar de Husserl para uma estrutura da consciência transcendental, foi um exercício de *epoché* pela reflexão, possibilitando-o, assim, conceber uma fenomenologia transcendental estática.

Ao ampliar o exercício da *epoché*, Husserl, amplia o campo fenomenológico até as essências transcendentais. É no campo transcendental que se torna possível conceber a temporalidade da consciência e, pela concepção de temporalidade, a fenomenologia passa da estática para a genética. Desse modo, a importância da *epoché* no projeto fenomenológico mostra-se como essencial por ser ela o método para se chegar ao fluxo dos vividos, ou seja, à estrutura transcendental da consciência. Contudo, como salientou Merleau-Ponty, não é possível uma *epoché* total ou completa, mas apenas em partes, do contrário não seria possível qualquer reflexão, porque toda reflexão já pressupõe um pré-horizonte de conhecimento.

Por fim, Husserl, no seu último pensamento, diante da ampla noção de intencionalidade, concebe o *lebenswelt* o mundo da vida. O mundo que antecede o conhecimento objetivo. O mundo da vida é, se assim podemos dizer, a reflexão mais frutífera do projeto fenomenológico, por possibilitar uma noção integradora e não reducionista do humano e do mundo, seja no sentido ontológico, antropológico, epistemológico e estético. Assim, o projeto fenomenológico do último Husserl é um

movimento de abertura ao conhecimento no que se refere ao ser humano e o mundo.

Portanto, o projeto fenomenológico do último Husserl apresenta uma concepção do humano e do mundo como integrados em unidade com uma consciência transcendental. Por conseguinte, pode-se afirmar que o fenomenólogo vive na finitude, porém, com o seu fim na infinitude de ideias e tarefas infinitas da razão. Assim, por um movimento dialético, ou seja, de um dar e receber, sempre surge algo novo. Nesse movimento de um desvelar, o horizonte de conhecimento eleva-se à infinitude em que reside o fim absoluto de uma humanidade autêntica guiada pela razão universal.

Logo, a definição de fenomenologia segundo o último pensamento de Edmund Husserl é uma abertura intencional ao conhecimento, que, por sua vez, reside na infinitude da razão universal.

## REFERÊNCIAS

BERNET, Rudolf. Edmund Husserl. In: PRADEAU, Jean François (Org.). **História da Filosofia: Edmund Husserl**. Tradução de James Bastos Arêas e Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 413-421.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Trad. Caezar Souza. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Série pensamento moderno)

CHAUÍ, Marilena de Souza. Vida e obra. In: HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. Trad. ZeljkoLoparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova cultura, 2005. p. 05-12. (Coleção Os Pensadores)

HUSSERL, Edmund. **A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia**. Trad. Pedro M. S. Alves. ed. portuguesa. Lisboa: LusoSofia, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 1-20. (Biblioteca do Pensamento Moderno)

OLIVEIRA, Nythamar. Husserl. In: PECORARO, Rossano (Org.). **Os filósofos: clássicos da Filosofia de Kant a Popper**. V. 2. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 231-252.

SALANSKIS, Jean Michel. **Husserl**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.